

Quem é o Autor do Pecado?

R. K. Mc Gregor Wright

A Confissão de Westminster afirma que “Desde toda eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas” (3.1). Esta afirmação cuidadosa diz que:

1. *Tudo o que acontece é ordenado pela vontade de Deus.*
2. *Deus não é o autor do pecado.*
3. *Nenhuma violência é feita à vontade da criatura.*
4. *A contingência das causas secundárias é estabelecida pela preordenação divina.*

Essas afirmações implicam uma visão específica da relação que Deus tem com o pecado e outros males. Eles estão todos inclusos na ordenação livre e imutável de Deus, ao mesmo tempo em que Deus não é o autor do pecado. Isso é assim, primeiro, porque Deus não viola a vontade humana, forçando as pessoas a pecar contra ela, e segundo, porque as causas secundárias que dão surgimento ao pecado são asseguradas em suas operações pelo mesmo “sábio e santo conselho” que assim ordena. Deus é a primeira causa de tudo o que acontece (*incluindo todos os males*), porque como Criador ele causa “tudo quanto acontece”. As “causas secundárias” são as últimas coisas na seqüência dos eventos (*como Satanás, Adão e eu*), de quem os pecados procedem diretamente. Essas causas secundárias são o autor(es) do pecado, porque elas são a causa direta do pecado. Segundo a Confissão de Westminster, Deus é santo e separado do meu pecado por não ser a causa direta (*o autor*) dele. Uma causa pode ser última (*da qual Deus é a causa original*) ou pode ser imediata, tal como o pecador. Portanto, o pecador, não Deus, é o autor do pecado pela mesma razão que um pai não é o autor do livro de seu filho.

A concepção que a Confissão tem desse assunto sumariza a visão do próprio João Calvino em seu tratado *Sobre a Eterna Predestinação de Deus* (1552). “Primeiro, deve ser observado que a vontade de Deus é a causa de todas as coisas que acontecem no mundo; e, todavia, Deus não é o autor do mal” (p. 169), porque “a causa imediata é uma coisa, a causa remota é outra” (p. 181). Todavia, “certas pessoas sem-vergonha e mesquinhas nos acusam com calúnia de sustentar que Deus é o autor do pecado, se sua vontade é considerada a causa primeira de tudo o que acontece”. Calvino rejeita especificamente o desvio de “que os males vêm a existir, não por sua vontade, mas meramente por sua permissão” (p. 176). Ao contrário, a vontade de Deus é a causa

principal de todas as coisas... Mas as causas mais remotas ele esconde em si mesmo, de forma que dentre elas o que ele torna possível por elas é necessário... Deus não faz nada sem a melhor das razões. Mas visto que a regra mais certa de justiça é sua vontade, ela deve ser, se eu posso dizer, a razão principal de todos os nossos raciocínios.

O leitor é remetido à seção 10, intitulada “Providência” (p. 162-185), onde o grande Reformador resume a sua posição.

Fonte: Extraído do excelente livro *A Soberania Banida*, de R. K. Mc Gregor Wright, publicado pela Editora Cultura Cristã, pg. 216-217.